

**“Não sejas demasiadamente ímpio, nem louco:
por que morrerias fora do teu tempo?” (Eclesiastes 7:17)**

Eclesiastes

Boletim Bimestral
Vocacionado para a Doutrina
e Devoção Espiritual
Responsabilidade
Igreja em Oleiros
É gratuito
Número 5. 3-4/1998

Palavras do Pregador... Eclesiastes 1:1

“Todos havemos de comparecer diante do Tribunal de Cristo...” “Tudo será descoberto...”

Muito se tem especulado sobre a forma que o Senhor usará para nos fazer recordar tudo aquilo que fizemos durante os dias em que vivermos neste mundo.

Tem-se admitido que, uma dessas formas será o recurso às nossas capacidades cerebrais, onde estão registados todos esses actos e que O Senhor nos fará recordar.

Lemos, ainda, nas Escrituras Sagradas, que existem os Livros de Deus, onde as nossas obras estão escritas, e que, provavelmente serão ali verificadas.

Iremos abordar uma outra possibilidade, baseando-nos em factos científicos, extraídos da natureza, à semelhança do que Paulo disse: **“Não vos ensina a natureza...”** (1 Cor. 11:14), e que poderá ser exequível naquele Tribunal.

Não é nossa pretensão entrar em especulações, mas fazer-nos ponderar mais naquilo que fazemos, pois nada do que fazemos será oculto; Estamos a ser observados, e será muito desagradável para nós, um dia, vermos o que nunca desejamos: o nosso passado!

Página 12, continuação...

Editorial

ECLESIASTES, o pregador mais realista dos nossos dias... Voltamos às considerações que temos tecido no **Livro do Pregador**, que é um dos melhores retratos da vida vivida segundo as

orientações do mundo. A essa concepção, vamos contrapor as opiniões do **Pregador mais optimista dos nossos dias**: o apóstolo Paulo.

Páginas 2-4

VENDO O PASSADO



Neste Número:	Neste Número:
♦ Eclesiastes, pág. 2-4;	♦ Às Nossas Irmãs, pág. 7-11;
♦ Diversos, pág. 5;	♦ Página Literária, pág. 14;
♦ Devocional, pág. 6;	♦ "A Natureza do Mistério", pág. 15;

Editorial

Eclesiastes

Dois Pregadores... Duas Experiências...

"Eu, o pregador, fui rei sobre Israel, em Jerusalém..."
(Eclesiastes 1:12).

"Para o que, digo a verdade em Cristo, não minto, (eu, Paulo), fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios na fé e na verdade." (1Timóteo 2:7)

A "qualidade de vida" é a palavra de ordem para todo o sistema social que vigora na actualidade. Para isto trabalham os políticos, os filósofos, os cientistas, os profissionais das diversas actividades, e mesmo os religiosos. Todos buscam uma vida melhor e uma maior realização naquilo que fazem.

Para os tempos considerados "mortos", promovem-se entretenimentos de toda a ordem, usando as diversões, zonas verdes onde as pessoas podem dar os seus passeios, praticar desportos, cinema, televisão, entre tantas outras coisas, com o objectivo último de tornar as pessoas felizes.

Mas esta filosofia de vida não é nova. O Pregador Salomão já dizia no seu livro: **"Disse eu no meu coração: Ora vem, eu te provarei com alegria; portanto, goza o prazer"** (2:1).

Assim, ele, alegrou-se nos prazeres (2:1-2), no trabalho que fazia (2:10), no comer e no beber (2:24-25), nos projectos concretizados (2:24), privilegiando o riso acima de qualquer outra coisa (3:4), considerando que, mesmo assim, tudo isso é um dom natural de Deus: uma permissão Divina (5:20), chegando à conclusão que se deve gozar enquanto há tempo (6:6), pois, morrendo, ninguém se lembrará dele e outros gozarão o fruto do seu trabalho (5:18-19). Por fim, firma os seus pensamentos, dizendo não há nada melhor

debaixo do sol que o alegrar-se (8:15), pelo que, exorta os jovens a recrearem o seu coração enquanto são novos (11:9).

No entanto, e já no fim dos seus dias, olhando para trás, faz o balanço das suas experiências, e determina o apuro das mesmas: **“portanto goza o prazer; mas eis que também isso era vaidade. Ao riso disse: Está doido; e da alegria: De que serve esta?”** (2:1-2), admitindo que “o coração dos sábios está na casa do luto (choro), e o coração dos tolos na casa da alegria” (7:4).

Como isto é deprimente: uma pessoa tem todas as condições para ser feliz, vive insaciavelmente todas elas, e chega ao fim da sua vida – quando já tem desperdiçado tudo, quando já é tarde – deseja fugir de si próprio, e provavelmente suicidar-se, pela insatisfação que a vida lhe oferece. Que decepção! Que desilusão!

Vejamos o que diz o Pregador dos dons celestiais. Aquele que disse para nós sermos seus imitadores (1 Cor. 11:1):

Para este homem a felicidade dependia da Vontade de Deus e da sua vida estar ou não em sintonia com ela. A felicidade resulta dos pecados perdoados pelo sangue de Cristo, e da justificação pela sua

ressurreição (Rom. 5:1-2). Depois disso, podemos continuar uma vida gozosa, mesmo no meio das tribulações (Idem, 5:3), pois sabemos que toda a nossa vida está nas mãos de Deus (Idem, 5:11), em quem nos alegamos, também. Podemos, assim, sentir um gozo completo pelas Palavras do Senhor, à medida que estudamos e obedecemos à Bíblia (3 Joa. 12), e quando O buscamos em oração (Joa. 16:24). Este gozo, na linguagem de Pedro, é uma experiência inefável e gloriosa – indizível e incomparável (1 Ped. 1:8).

Como já constatamos pelos textos expostos, o gozo espiritual não depende das circunstâncias da vida, nem mesmo da quantidade de prazeres que esta nos possa proporcionar. Na vida cristã o gozo espiritual que podemos experimentar é o resultado da direcção do Espírito Santo, sendo ele próprio parte do seu fruto (Gál. 5:18, 22). Por esse facto, o Apóstolo, orava pelos crentes de Roma para que **“o Deus de esperança os enchesse de todo o gozo e paz em crença, para que abundassem em esperança pela virtude do Espírito Santo.”** (Rom. 15:13).

E o facto desta gloriosa experiência não depender das

circunstâncias da vida, está patente nalguns textos bíblicos, como sejam: **“transbordo de gozo em todas as nossas tribulações”** (2 Cor. 7:4); e, **“em muita prova de tribulação houve abundância de gozo”** (Idem, 8:2). As tribulações não passavam de **“um peso eterno de glória mui excelente”** (Idem, 4:17). E, dizia ainda: «por vezes contristados, mas sempre alegres» (Idem, 6:10), pois «aprendi a contentar-me com o que tenho, porque posso todas as coisas naquele que me fortalece» (Fil. 4:10-13).

Quanto ao comer e beber, escrevia o Apóstolo aos Romanos: **“Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.”** (14:17). E aos Filipenses dizia também: **“Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos”** (4:4).

Concluimos esta meditação com dois Textos Sagrados: um foi dito por Neemias: **A alegria do Senhor é a nossa força** (8:10); as outras palavras são do salmista, que dizem o seguinte: **“Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença há fartura de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente”** (16:11), e, **“vale mais um dia nos teus átrios do que em outra parte mil”** (84:10).

Será que estás a gozar a vida abundante que O Senhor te deu? (Joa. 10:10) A que pregador é que estás a dar ouvidos? De Salomão podemos ouvir: **“atendei para o que eu digo, mas não olheis o que eu faço”**; Mas de Paulo, poderemos ouvir: **“sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”**. Ou estás a pensar que gozas a vida, entregando-te a uma conduta que não tem qualquer significado? Podia acrescentar Paulo: **“e eu queria poupar-vos...”** (1 Cor. 7:28, 32), pelo que, consagrai-vos mais ao Senhor e tereis as melhores experiências: a vida de Cristo.



Para Pensar...

“Todavia o meu povo trocou a sua glória por aquilo que é de nenhum proveito.

Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai verdadeiramente desolados, diz o SENHOR. Porque o meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm águas.”

(Jeremias 2:12-13).

TÓPICOS PARA MEDITAÇÃO

“O Espírito Santo em Gálatas”

(1) O Nascimento do Espírito (5:5) – *“Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provem da fé”* (JFA, RA);

(2) O Andar do Espírito (5:16) – *“Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne”*

(3) O Combate do Espírito (5:17) – *“Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis.”*

(4) A Direcção do Espírito (5:18) – *“Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei.”*

(5) O Fruto do Espírito (5:22) – *“Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.”*

(6) A Perseverança do Espírito (5:25) – *“Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito.”*

(7) O Semear do Espírito (6:8) – *“Mas, o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna.”*

O Espírito Santo é que fará diferente a nossa vida, desde o novo nascimento até à colheita da vida espiritual. O Senhor nos ajude a darmos-lhe mais lugar nas nossas vidas e a enchermo-nos mais Dele.

Dois Reis... Dois Governos...

“E o rei de Sodoma saiu-lhe ao encontro (depois que voltou de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele).

E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo.” (Gén. 14:17-18).

Abraão, depois de uma grande vitória, é surpreendido pela presença de dois reis: o rei de Sodoma e o rei de Jerusalém. O primeiro é uma figura de Satanás, que vive no reino do pecado e lhe oferece um montão de riquezas; O outro, o rei de Jerusalém, que é figura do Senhor Jesus Cristo (Heb. 7:1-4), vêm felicitá-lo pela vitória e traz-lhe alimentos para a viagem, ao qual, Abraão, dá o dízimo de tudo, em sinal de gratidão.

Que rei é que estás a servir? A qual rei estais a dar atenção? Ao Senhor ou ao rei de Sodoma? Lót seguiu o rei de Sodoma, e sabemos o que lhe aconteceu mais tarde; Abraão, pelo contrário, seguiu ao Senhor, de quem pode ouvir: *“Não temas, Abraão, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão”* (15:1), ou seja, aquele que te protege nas batalhas e que te enriquece.

Sigamos as pisadas de Abraão (Rom. 4:12) e veremos o quanto vale a pena; Mas se andarmos como Lót, então padeceremos na carne as mesmas experiências que ele.

Continuemos a servir e a esperar no nosso Rei. Glória a Ele.

O Nosso Testemunho

“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram na Palavra da Vida, (...) isso vos anunciamos...” (1 João 1:1-3).

O apóstolo João inicia a sua carta falando da importância da aplicação dos **nossos sentidos** à vida Espiritual, nomeadamente a visão, a audição e o tacto.

Por vezes lamentamos o facto do nosso testemunho não ter resultados positivos: resultados que se vejam. Questionamos: não será por não consagrarmos essa área da nossa vida ao Senhor? Será que Ele tem o controlo de todas as áreas da nossa vida? E os nossos sentidos? Por outro lado, também poderá ser verdade que não disponibilizemos todos esses sentidos ao serviço do Senhor, pois não basta disponibilizar os dons que temos.

O escritor aos Hebreus, ao dizer que *“tendo Deus falado muitas vezes e de muitas maneiras...”*, subentende que Ele usou vários processos para fazer conhecida a sua verdade ao mundo e ao seu povo. Teriam sido 100 vezes? Então, presumimos, que 99 vezes não teriam sido suficientes. E teriam sido 50 maneiras diferentes de

proclamar a sua Palavra? Então, reiteramos, pela mesma ordem de ideias, que 49 maneiras não teriam sido as suficientes.

E nós? Teremos falado tantas vezes quantas as necessárias para convencer as almas? Ou desistimos logo à primeira vez, quando ouvimos o primeiro «não»? E estamos a usar todas as capacidades com que Deus nos dotou para tornar conhecido o Seu Testemunho? Não é só disponibilizarmos os nossos dons, ou os nossos talentos pessoais, como já o dissemos. A nossa responsabilidade e testemunho passa também pelas diferentes maneiras que podemos utilizar para o tornar conhecido. (é claro que subentendemos aqui as maneiras lícitas!).

Paulo podia escrever: *“fiz-me tudo para todos, para, por todos os meios, chegar a salvar alguns.”* (1 Cor. 9).

Está escrito: *“O povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam assentados na região e sombra da morte, a luz raiou.”* (Mateus 4:16). Ajuda-nos, Senhor, a ser uma grande luz.

Manuel Fernandes
In mensagem em Estarreja (Resumo)

Às Nossas Irmãs...

Quando o Silêncio é de Ouro...!

“Bom é ter esperança, e aguardar em silêncio a salvação do SENHOR.”
(Lam. 3:26)

O silêncio das mulheres no culto público a Deus é muito mais valioso que as palavras que os varões possam dizer nesse momento. Isso porque ela reflecte muito mais que uma atitude: **“a sujeição por causa dos anjos”** (1 Cor. 11:10). Esta atitude da mulher é preciosa para Deus, pois espelha algo muito mais amplo que a simples reunião religiosa, onde está em causa um plano eterno e espiritual do Conselho Divino, e que a mulher reproduz fisicamente: a relação que existe entre Cristo e a sua Igreja (espiritual).

Reconhecemos, no entanto, alguma divergência de opiniões no meio das igrejas “evangélicas”, relativamente a esta matéria. Ouve-se, por vezes, e lê-se, que «o ensino de Paulo é um ensino que estava embebido culturalmente no judaísmo e com outras culturas da época. Agora as considerações têm de ser outras: os tempos e as estações são outros, as opiniões devem ser diferentes, já que temos mulheres com capacidade superior a muitos homens!» Ora, afirmações segundo este teor, seria o mesmo que dizer que as epístolas de Paulo não foram

inspiradas por Deus, ou que Deus não previu esta situação, ou mesmo que Ele está ultrapassado. Mas a revelação de Deus – as Escrituras Sagradas – não passaram e permanecerão por toda a eternidade (Salmo 119:89).

Seria mais popular apelar à opinião generalizada, mandar levantar o braço e adoptar o parecer da maioria. No entanto, a Verdade de Deus não pode ser considerada nessa perspectiva, sob pena de afectar a glória de Deus, e essa, Ele não a dará a outrem (Isaías 42:8). Não quer dizer que não haja bênção. O Senhor é riquíssimo em misericórdia, e suficientemente bondoso para nos privar dessa graça. No entanto, isso não passa de uma vontade permissiva de Deus. Mas sobre isso, falaremos adiante.

O lugar da mulher na Igreja (no culto) faz-nos reportar ao princípio, quando Deus criou Adão e Eva (Gén. 1-3). No entanto, quando Deus pensou em formar o homem, antes disso tinha pensado na sua Igreja, pois a **“elegue desde antes da fundação do mundo”** (Efé. 1:4). No seu Conselho Eterno, Deus pensou primeiramente na sua Igreja e, só depois, é que pensou em formar o homem. Assim, a criação do homem e da mulher foi a primeira representação – uma representação física – da relação entre Cristo e Sua Igreja. Por isso, cremos nós, que a criação do homem foi mais que uma acto criativo de Deus; foi o início de um projecto que estava reservado na sua mente: **o Mistério** (Efé. 5:32).

Consideremos os seguintes textos:

“No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da

transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir.” (Rom. 5:14)

“Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja.” (Efé. 5:31-32)

Estes dois textos apresentados repercutem o pensamento que vimos expondo: Adão é uma figura do Senhor Jesus Cristo, e Adão e Eva é uma figura da relação eterna existente entre Cristo e a sua Igreja. No entanto, a revelação do protótipo e os seus resultados só seriam manifestados bem mais tarde, com a Revelação do Mistério ao Apóstolo Paulo. E como é que podem ser reproduzidas essas figuras? Vejamos:

Pensamos, pela exposição do Apóstolo Paulo, que quem foi enganado foi Eva e não Adão (1 Tim. 2:14). Eva teria sido seduzida a pecar e Adão cometeu um pecado por opção. No entanto, ele é que levou a responsabilidade do pecado e do seu castigo, como cabeça de casal que era.

Deduzimos, ainda, pela descrição Bíblica, que Eva terá pecado primeiro. Depois deu do fruto a Adão, que comeu também. Não sabemos se Adão estava presente na discussão entre Eva e a serpente. Como não intervém, não nos parece que estivesse presente. Também, não sabemos quanto tempo é que levou Adão a tomar do fruto, mas não foi no mesmo instante. É previsível, por isso, que mediou um lapso de tempo. Quanto? não sabemos. Um minuto, dez minutos, uma hora, mais? Não sabemos. Mas foi algum tempo. E esse tempo foi um

período de trevas para Eva e de inocência para Adão. Foi um momento em que Eva tinha consciência do pecado e estava em pecado, e Adão não.

Quando Eva lhe oferece do fruto proibido, ele é levado a optar por uma de duas situações: ou se identifica com a sua mulher, tomando do fruto com ela, e assim peca contra Deus, ou então, não toma do fruto e sujeita-se a ficar sozinho, pois o pecado de Eva lhe custaria a morte.

Na verdade, a opção tomada por Adão foi a primeira, o que reflecte bem aquilo que pesou nas considerações do nosso Senhor Jesus Cristo, quando olhou para a Sua Igreja e a viu em pecado e perdida, sobre a qual teve de tomar tamanha opção: ou se identificar com o pecado dela, sujeitando-se ao castigo de Deus – a morte, fazendo-se pecado por nós, ou então, teria abandonado esta causa e veria a sua Igreja morrendo no seu pecado, ficando, neste propósito, sozinho. Como sabemos, O Senhor optou por nós, pelo muito amor que nos teve, sujeitando-se a morrer por nós e fazendo da Igreja o seu complemento, ou a sua **“plenitude”** (Efé. 1:23).

Ali, e assim, Adão e Eva se tornaram numa das primeiras figuras das Escrituras do Senhor Jesus Cristo e da sua Obra a favor da sua Igreja e do seu povo em todas as épocas, já que esta figura pode ter outras aplicações espirituais. E assim, também, este relato Bíblico é a confirmação das Palavras do Senhor, quando disse: **“no princípio do Livro está escrito de mim”** (Heb. 10:7).

Desta forma, cremos ainda, que a mulher deve estar no culto a Deus sujeita ao varão, porque ela reproduz uma realidade espiritual, que só Deus vê: a

sujeição da Igreja a Cristo. E dizemos Igreja, não igrejas locais, pois estas são simplesmente uma representação visível da Igreja espiritual, que só Deus vê, pois **“só o Senhor é que conhece os que são seus”** (2 Tim. 2:19), e porque, como está escrito que **“nem todos os que são de Israel são Israelitas”** (Rom. 9:6), deduzimos que **nem todos os que se dizem cristãos são de Cristo**. E os verdadeiros cristãos – a Igreja invisível, e que se encontram espalhados pelas diversas igrejas locais, esses estão sujeitos a Cristo.

Razões porque a mulher deve estar sujeita ao varão e em silêncio, nas Igrejas:

(1) **Princípio Eterno** – A atitude da mulher é um reflexo de um propósito eterno de Deus (Rom. 5:14; Efé. 5:31-32);

(2) **Princípio Natural** – “A mulher provem do varão” (1 Cor. 11:8);

(3) **Princípio Cronológico** – “Primeiro foi formado Adão” (1 Tim. 2:13);

(4) **Princípio Espiritual** – “Adão não foi enganado, mas a mulher sendo enganada, caiu em transgressão” (Idem, 2:14);

(5) **Princípio Hierárquico** – “O varão é a cabeça da mulher” (1 Cor. 11:3);

(6) **Princípio Jurídico** – “Assim ordena a Lei” (Idem, 14:34);

(7) **Princípio Matrimonial** – “Porque a mulher está sujeita ao marido enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei (matrimonial); mas morto o marido, está livre da lei do marido” (Rom. 7:2);

(8) **Princípio Teleológico (causal)** – “O varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do varão” (1 Cor. 11:9);

(9) **Princípio Criacionista** – “O varão é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do varão” (Idem, 11:7);

(10) **Princípio Moral** – “Porque é indecente que as mulheres falem na Igreja” (Idem, 14:35);

(11) **Princípio Funcional** – “As mulheres estejam caladas nas Igrejas, porque não lhes é permitido falar” (Idem, 14:34);

(12) **Princípio Social** – “As suas mulheres deixaram o uso natural, no contrário à natureza” (Rom. 1:26).

Por tais razões é que, quando os crentes se reúnem, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio: com um véu, ou seja, o sinal de que está sujeita, reflectindo, assim, a atitude espiritual de toda a Igreja a Cristo (1 Cor. 11:10).

Ora, esta atitude e posição da mulher no culto, não deve ser tomado como uma imposição dos varões, ou como uma obrigação a Deus. É um privilégio para todos podermos desempenhar funções para as quais O Senhor nos dotou, sejamos homens ou mulheres. E são inúmeras as coisas que a mulher pode fazer para O Senhor. E se tal atitude reflecte muito mais que uma situação pontual e local, pois sendo o reflexo de um propósito eterno de Deus, muito mais deveríamos estar-lhe sujeitos. E se a mulher não quiser estar sujeita, não é só ela que reflecte essa atitude, mas toda a Igreja, pois O Senhor vê-a como um todo – um corpo.

Áreas em que a mulher pode ser útil:

“As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver,

como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem; **Para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada.**” (Tito 2:3-5).

Relativamente a este texto, temos a afirmar que tem havido alguma interpretação precipitada e desajustada ao seu espírito e à sua mensagem. Se bem que seja usado o termo “ensinar”, o seu sentido não deve ser isolado do seu contexto, ou seja, o ensino aqui referido não tem nada a ver com o ensino devocional espiritual (isso é tarefa dos pastores), ou doutrinário (isso faz parte da função dos doutores das escrituras – Efé. 4:11). E o contexto refere o “**quê**”, o “**como**”, e o “**onde**”, o seu ensino deve ser administrado. É uma instrução na área familiar e vocacionada para o lar. E nessa área, como é vasto o seu ministério, e isso referiremos mais adiante. E se olharmos a descrição da mulher virtuosa em Provérbios 31, vemo-la a cumprir rigorosamente esta instrução e a respeitar escrupulosamente a área de sua influência.

“**Mestras no bem... para que ensinem...**” (Tito. 2:3-4). Estes termos são a tradução de duas palavras que só ocorrem aqui em toda a Escritura. E para não permitirmos que os irmãos e as irmãs lavrem em erro, vamos tentar expor o sentido que consideramos mais fiel aos princípios bíblicos.

“**Mestras no bem**” (Gr. “Kalodidaskalous”), no grego é uma palavra composta, variante do termo “didaskō”, que significa ensinar. Só que aqui não é exactamente o mesmo, como em 1 Cor. 4:17; 3:8; 11:23; 15:1-3, porque se fosse o Apóstolo usaria a mesma palavra. A palavra empregue aqui é outra e significa “ensinar o bem” ou “ensinar o

bom exemplo”. E o contexto aponta para isso mesmo: não é um ensino oral, mas um ensino “**sem palavras**”, como Pedro refere na sua Primeira Epístola, 3:1. A mesma ideia é expressa por Paulo em 1 Cor. 11:14, quando diz: “**não vos ensina a natureza...?**” (sem palavras, claro!); O Salmista, também, exemplifica com a voz da natureza (Sal. 19). Outro exemplo, ainda, do sentido deste termo é a própria ceia do Senhor, sobre a qual Paulo diz que “**anunciamos a morte do Senhor até que venha**” (1 Cor. 11:26), isto é, quando participamos do Pão e do Cálix. Este acto (e só ele é que é a Ceia do Senhor, e nada mais, pois só isso é que foi instituído), é uma verdadeira mensagem silenciosa: sem palavras. À mesma linguagem se referiu o Senhor quando disse para olharmos os lírios dos campos e os sinais dos tempos (Mat. 6:28; 16:3). Ou seja, as mulheres idosas vivendo de forma exemplar, e pelo exemplo que dão (ver: 1 Tim. 2:9-15), é que podem ensinar outras na área da vida para que estão vocacionadas. A vida é que é a forma de ensino.

“**Para que ensinem as mulheres...**”. Este termo ensinar é a tradução da palavra “**sōphronizō**”, que significa, não o ensinar doutrina (essa palavra seria “**didaskō**”), mas, «ter uma atitude sã, restaurando o bom sentido, para uma vida disciplinada» (A T Robertson – In **Imagens Verbais no NT**), que crie uma certa precaução, uma advertência dos perigos que as mulheres mais novas poderão correr se não seguirem o seu exemplo.

O seu “**ensino**” é, pois, uma instrução prática, vocacionada para o lar. O ensino devocional, espiritual, doutrinário e eclesiástico está-lhe vedado, independentemente dos dotes pessoais e naturais que a mulher tenha, e mesmo que sejam assuntos tratados de mulheres para mulheres. Essa tarefa pertence aos anciãos e aos dons espirituais, e não aos talentos humanos e naturais da pessoa, e nem são as características humanas que

vão alterar os planos e os propósitos de Deus.

É um facto que temos nas Escrituras exemplos de mulheres profetizas, nomeadamente Débora (Juizes 4-5), Hulda (2 Reis 22:14-20), e as quatro filhas de Filipe (Actos 21:8-9). Mas os exemplos não são doutrina. E estes casos, na sua particularidade, são um reflexo de um momento espiritual deficiente no meio do povo de Deus. É um facto que Deus os abençoou, e lhes deu a vitória (no caso de Débora), mas nem por isso era o reflexo da vontade de Deus. Estava-se, sim, num quadro de permissibilidade de Deus. Agora, quando se tomam aqueles exemplos como pretexto para tomar uma atitude de insujeição àquilo que está revelado, mais se assemelham à figura de Eva no Éden, ou à de Jezabel no Apocalipse (Apo. 2:20), que a outro exemplo de oportunidade divina.

Outros exemplos dignos de imitação:

“E Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Susana, e muitas outras que O serviam com suas fazendas” (Lucas 8:3);

“Recomendo-vos Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencreia. (...) Porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo” (Rom. 16:1-2);

“Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti.” (2 Tim. 1:5).

“Tinha Ezequias vinte e cinco anos de idade, quando começou a reinar, e reinou vinte e nove anos em Jerusalém; e era o nome de sua mãe Abia, filha de

Zacarias. E fez o que era recto aos olhos do SENHOR, conforme a tudo quanto fizera Davi, seu pai.” (2 Cro. 29:1-2).

Nos quadros expostos, onde a actividade da mulher é apresentada, poderemos enumerar coisas convenientes e coisas inconvenientes, coisas necessárias e coisas desnecessárias, coisas prescindíveis e coisas imprescindíveis, coisas autorizadas e coisas desautorizadas, coisas permitidas e coisas proibidas. A mulher de Deus vê-se pela forma como irá considerar o que está escrito (o que está apresentado são sugestões que poderão ajudar – já que, em cada Igreja os anciãos é que devem determinar o ensino administrado), e não pela aparência revelada, pois O Senhor não aceita a aparência do homem (Gál. 2:6), ou pelo zelo demonstrado naquilo que faz. E o que vai além daquilo que está escrito é de procedência humana e carnal, seja de quem o pratica, seja de quem o instrui, pois não estão ao nível da sua compreensão, ou, quem sabe, a conveniência humana exige adopção de tal interpretação, o que será pior. Nós, porém, não andamos segundo as tradições e conveniências humanas.

Resta-nos orar para que O Senhor ajude as nossas irmãs com estes pensamentos, para que compreendam a amplitude da dimensão da sua influência, que é muito mais que o momento circunstancial do culto, e serem mulheres de quem Deus espera muito, e de quem os próprios crentes esperam mais ainda, para honra e glória do nosso Deus.



Olhando o Passado...

"Porque nada há encoberto que não haja de ser manifesto; e nada se faz para ficar oculto, mas para ser descoberto." (Mar. 4:22);

"Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal." (2 Cor. 5:10).

Mais uma vez queremos olhar a natureza e ver as lições que ela tem para nos dar, pois toda ela fala do nosso Criador e dos planos que ele tem para o Seu Povo. É, por assim dizer, uma forma diferente de *"olhar e diferenciar os tempos"*, como O Senhor disse (Mat. 16:2-3).

Não há qualquer dúvida que todos seremos julgados pelo Senhor. E nesse juízo todas as coisas serão tornadas públicas, quer sejam boas, quer sejam más. Mas, a questão que se

levanta é de saber qual a forma que O Senhor usará para tornar esses actos conhecidos.

Sobre isso muito tem sido dito. Por exemplo, a Escritura diz que há Livros onde estão narrados os feitos dos seres humanos (Apo. 20:12). Outros pensam que O Senhor vai usar a nossa capacidade cerebral, trazendo-nos à memória todas as coisas que vivemos e que ficaram ali gravadas. E outras sugestões se têm multiplicado. Mas, só O Senhor sabe o que será e como será.

Propomo-nos fazer uma outra sugestão que poderá não ser definitiva, mas não deixará de ser capaz de provocar em nós um verdadeiro sentimento de devoção e de temor ao Senhor, já que é essa a nossa intenção última do estudo apresentado, e que passamos a expor:

A velocidade mais rápida conhecida é a velocidade da luz. A sua rapidez é de 300.000 Km por segundo, ou seja, 18.000.000 Km por minuto, ou ainda 1.080.000.000 km por hora. Em termos mais concretos poderemos dizer que,

se andássemos à velocidade da luz, num segundo daríamos 23,5 voltas à Terra pelo diâmetro equatorial, ou percorreríamos a distância entre São Francisco e Nova Iorque, nos EUA, cerca de 31 vezes, num segundo. Outros exemplos: Para chegarmos à Lua precisaríamos de 1,28 segundos. Para chegarmos ao Sol precisaríamos de 498,91 segundos, ou seja, 8 minutos e 31 segundos. Para chegarmos a Plutão, o planeta do nosso sistema solar mais distante da Terra, que fica a 7400 milhões de Km da Terra, na distância maior da sua orbita, precisaríamos de 24.666 segundos, ou seja, 6 horas e 51 minutos. Para chegarmos à estrela mais próxima do nosso sistema solar, que é a "**Próxima de Centauro**", na Constelação de Centauro, que fica a cerca de 4,3 anos luz, ou seja, precisaríamos de 4 anos e 4 meses para lá chegar. Se quiséssemos traduzir isso em quilómetros seria preciso várias linhas inteiras destas, para os reproduzir exactamente. Por fim, se tencionássemos percorrer a nossa galáxia - a Via Láctea, de um extremo ao outro, precisaríamos de cerca de 100.000 anos.

O uso deste método é que tem levado os astrónomos a concluir que o Universo tem

mais anos que a existência do homem, que é de cerca de 6.000 anos, pois a luz das estrelas demoram um determinado tempo a chegar à Terra, e algumas estão à distância de dezenas de milhares de anos-luz do nosso planeta. Mas não é nossa pretensão tentar quantificar a idade do Universo. Isso está nos Anais de Deus.

Ora, imaginemos que alguém se encontra na Lua e tem possibilidade de observar a olho nu o que se passa aqui na Terra. Essa pessoa só recebe a imagem 1,28 segundo depois dela ocorrer. E se estiver em Plutão, só receberá a imagem depois de 6 horas e 51 minutos dela ocorrer. Mas se estiver próximo da estrela "**Próxima de Centauro**", só 4 anos depois é que receberá a imagem. Se estiver na constelação de Lira, só daqui a 26 anos é que verá a sua ocorrência. E se estiver na Constelação de Orion, só daqui a 300 anos é que verá essa imagem. Ou se estiver na Constelação de Touro, grupo de cerca 500 estrelas, só daqui a 415 anos é que observará esses episódios. E assim sucessivamente.

Numa outra perspectiva poderíamos entender o seguinte: Se neste momento estivéssemos nalguma das

estrelas da Constelação de Canopus, e pudéssemos observar a olho nu o que se passa na Terra, estaríamos a observar agora a Revolução Francesa, que ocorreu em 1789, pois a sua imagem, que percorre o espaço à velocidade da luz, demoraria cerca de 209 anos a lá chegar. Mas se estivéssemos no espaço, perto da Constelação de Orion, na estrela Rigel, neste momento estaríamos a observar Vasco da Gama a chegar à Índia, ou algum outro momento da época, pois a sua imagem demoraria 500 anos a chegar lá, pela mesma velocidade. E se estivéssemos algures, no limiar da massa compacta do centro da Via Láctea, estaríamos a observar agora episódios que ocorreram no tempo do Senhor Jesus Cristo. Mais ainda: se estivéssemos algures no espaço estelar, já na direcção do centro da Via Láctea, poderíamos observar, nesta presente data, Adão e Eva no Jardim do Éden, e tudo o que lá se passou, pois a sua imagem demoraria a percorrer esta distância cerca de 6.000 anos. E assim sucessivamente.

Tudo isto parece ficção. No entanto, é tudo cientificamente possível e comprovadamente exequível.

Com este tipo de considerações podemos extrair duas conclusões: uma primeira, de carácter ético, para dizer que não há nada que façamos que seja oculto. Estamos constantemente a ser observados, seja pelo homem, presentemente, seja pelos seres espirituais, como os anjos, ou outras criaturas celestes. É uma segunda conclusão para dizer que, provavelmente, esta poderá ser uma - entre muitas - das formas que O Senhor virá a usar para fazer-nos ver e rever tudo o que fizemos neste mundo, até porque, as Escrituras Sagradas apontam para que o **Tribunal de Cristo** se realize nos "ares" (1 Tes. 4:16-17), não sabemos onde, mas será algures no espaço. Só Ele sabe se não nos conduzirá a uma determinada distância da Terra e nos fará rever os nossos passos durante a nossa vida terrena.

"E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará."
(1 Tes. 5:23-24).

A minha oração...

*Se eu soubesse sonhar, sonhava!
Mas riem-se do meu sonho...!
Deixem-me sonhar como gostava,
Porque do "nada" me não envergonho.*

*Tenho um sentimento perdido,
Esquecido, não o consigo visualizar;
Bem me avisaram do perigo, do azar,
Mas, oh, quanto daria para o ter vivido!*

*Senhor, não me abandones.
Olha-me... vê como sou fraco.
A tua graça, o teu poder me abones,
Para vencer ou deixar o que faço.*

*Cura-me a cegueira, o desejo,
Ou faz-me ver o que não vejo,
Desvenda aos meus olhos o caminho,
E Te siga fiel, mesmo que sozinho.*



ILUSTRAÇÃO

Miseráveis, dormiam sobre o ouro...

Em Bruxelas, dois irmãos, Maurice e Richard Dumoulin, de 70 e 68 anos respectivamente, morriam de frio e pobreza sobre um velho e estripado colchão. A intervenção dos que o conheciam fez com que as autoridades tomassem conta deles quando um violento nevão deixou um dos irmãos doente.

O Município decidiu mesmo deitar abaixo a barraca em que viviam. Surpresa! Debaixo do colchão, a bem dizer a única «peça do mobiliário» existente, encontravam-se dois lingotes de ouro e grande quantidade de moedas de ouro, algumas de 1830, além de um milhão e meio de francos belgas.

O tesouro guardado durante tantos anos pelos dois avarentos nem sequer serviu para lhes aquecer os corpos quando o grande nevão caiu.

Não serão os cristãos assim grande parte das vezes? Nós estamos **"abençoados com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo"** (Efésios 1:3) e somos exortados a **"andar segundo a vocação com que fomos chamados"** (Idem, 4:1). Mesmo assim, fazemos questão de não usar tais bênçãos, nem de gozar tão grande posição. O Senhor nos ajude, na sua graça e na sua misericórdia.

O Grande Mistério...

“Grande é este mistério; digo-o porém, a respeito de Cristo e da Igreja...” (Efe. 5:32).

(Continuação de Eclesi' Astes 1 e seguintes)

3.4 - A Natureza do Mistério

Continuamos o nosso estudo acerca da “Dispensação do Mistério”, com o espírito de oração para que O Senhor torne mais claro a nossa compreensão acerca do Seu Plano para a Igreja “Corpo de Cristo”.

Começemos por apresentar alguns Textos Sagrados:

“Como não será de maior glória o ministério do Espírito?” (2 Cor. 3:8)

“Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.” (Rom. 14:17).

“Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo.” (1 Ped. 2:5)

“Pois todos nós fomos baptizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.” (1 Cor. 12:13)

“Em quem (Cristo), também, vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados (Nele) com o Espírito Santo da promessa.” (Efé. 1:13)

A Natureza da Igreja “Corpo de Cristo” é espiritual. São inúmeras as ocorrências Bíblicas que atestam essa verdade, e pensamos que está claro para todo o crente desta Dispensação da Graça, que estuda as Escrituras Sagradas, e que tem o mínimo conhecimento do Plano de Deus para a Igreja. E afirmamos isto porque cremos que aqui se encontra a essência dos Planos Divinos, e é segundo eles que tudo se desenvolve na formação da Igreja.

Com os textos acima indicados, O Espírito Santo quer tornar conhecido que esta Dispensação tem uma administração que lhe foi entregue, e que contrasta com a natureza física e material que tinha o Programa Profético, e que estava sendo administrado pelo espírito da Lei. Em termos funcionais, O Pai e O Filho estão assentados na Glória, aguardando que este Período da Graça termine, e seja reatado o Programa Profético no momento que foi suspenso – o julgamento das nações, ou a Grande Tribulação – e entregaram ao Espírito Santo a realização desta Obra, a formação da Igreja, para ser apresentada ao Senhor Jesus Cristo no dia do Arrebatamento, que também é chamado de **Dia de Cristo** (Fil. 1:10; 2:16).

Nesta administração tudo funciona pelo Espírito de Deus, sendo Ele quem convence o pecador dos seus pecados (1 Cor. 2:4; Gál. 5:5; 1 Tes. 1:5), aplica a

Obra de Salvação do Senhor Jesus Cristo ao pecador arrependido (1 Cor. 6:11), selado (Efê. 4:30), baptiza-o em Cristo, formando um Corpo (1 Cor. 12:12-13), ajuda-nos na nossa vida diária (Rom. 8:13,26; Gál. 5:16-25), e nos ressuscitará no Dia de Cristo (Rom. 8:11). E mais ainda: é Ele que nos conduz às bênçãos que estão em Cristo (Efê 1:3), e às promessas de Deus (Idem, 1:13); É Ele que distribui os dons espirituais (1 Cor. 12-14), e é Ele que forma a nossa mente – a mente do Novo Homem, que é a Mente de Cristo (Gál. 4:6; 1 Cor. 2:16).

Tudo está em Cristo, nos lugares celestiais (ver: **“O Propósito do Mistério”** – próximo número), mas é o Espírito Santo que aplica e administra todas essas coisas na Igreja, distribuindo-as pelos crentes que a compõem. Por isso é que nós, **“com rosto descoberto, e reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.”** (2 Cor. 3:18).

Mas, coloca-se a pergunta: será que noutras dispensações o elemento espiritual não estava implícito?

Sem dúvida. Todo o Plano de Deus para o Homem, e em qualquer dispensação, tinha implícito o aspecto espiritual, inclusivamente o Programa da Profecia e a sua Mensagem. E quando examinamos a doutrina Messiânica, e todo o desenrolar do seu processo, concluímos que o Reino só foi oferecido a Israel depois de concluída a Obra da Redenção do Senhor Jesus Cristo. Antes disso nunca poderia ter sido implantado o Reino. Ou seja, o Reino Profético nunca poderia ser implantado, nos seus diversos aspectos

– político, natural, material, social, humano e cerimonial sem que o aspecto espiritual fosse concretizado, ou seja, a Obra da Redenção. Por outras palavras: **“o dia do Pentecostes”** (Lev. 23: 9-25; Act. 2:1 – que era o cumprimento da Profecia para Israel, (Ler: Actos 2:16-21) não poderia ser cumprido sem que primeiro fosse cumprido o **“dia da Libertação” – a Páscoa** (Lev. 23:4-8; Joa. 13:1).

Sabemos que o Messias veio primeiramente para Israel, pois só àquela Nação é que o Senhor estava prometido. Ele veio para cumprir as promessas feitas aos pais (Rom. 15:8). Este processo começou com João, o Baptista, que foi enviado por Deus para preparar o caminho do Grande Rei, chamando a Nação ao arrependimento pelo Baptismo na água (Joa. 1:6,31; Mar. 1:1-5). Este é o aspecto espiritual do Programa do Reino. Mas, nesse Programa, outros aspectos estavam incluídos, nomeadamente o aspecto material, o aspecto natural, o aspecto humano, o aspecto político, o aspecto cerimonial e o aspecto social, como já fizemos referência atrás, e nos debruçaremos com algum pormenor mais adiante.

No entanto, relativamente à Igreja e ao Plano que O Senhor tem para ela, **a sua natureza é exclusivamente espiritual.** Este Período está entregue à Administração do Espírito (2 Cor. 3:8), sendo Ele o Agente que concretiza todo o Propósito Divino para a Igreja. Assim, todos aqueles que aceitam Cristo como seu Salvador pessoal são selados com o Espírito Santo (Efê. 1:13) e baptizados por Ele em Cristo, formando um Corpo

espiritual (1 Cor. 12:12-13; Gál. 3:26-29). Somos, ainda, constituídos “Casa espiritual”, e morada de Deus, em Espírito (Efê. 2:18-22). As nossas bênçãos são espirituais (Idem, 1:3), a nossa conduta é espiritual (Rom. 14:17; 2 Cor. 3:18; Gál. 5-6), as promessas que temos são espirituais (Rom. 8:1; Gál. 3:14; 4:28-29), os nossos dons são espirituais (Rom. 1:11; 1 Cor. 12-14), a nossa vocação é espiritual (Col. 2:1-3), os nossos inimigos são espirituais (Efê. 6:12), o nosso culto é espiritual (Efê. 3:16; 5:18-21; Col. 3:16) e espiritual é a nossa esperança (1 Cor. 15:44,46; Rom. 8:11, 18-24; Efê. 2:7). Assim, também, pelo Espírito, devemos revelar a imagem da glória de Cristo (2 Cor. 3:18), pondo em prática os nossos dons espirituais (1 Cor. 12:4, 7-11), e andando segundo a vocação com que fomos chamados (Efê. 4:1).

Por estas razões, a Natureza Espiritual da Igreja e a Administração do Espírito Santo, é que, nós, só conseguiremos andar conforme este Programa se estivermos cheios do Espírito Santo, compreendendo a Sua vontade (Efê. 5:17-18), sendo guiados por Ele (Gál. 5:16-25; 6:8), e participando das Promessas de Deus (Efê. 1:13 c/ Gál. 3:14).

Contrastes Entre o Programa da Profecia e o Programa do Mistério

Aspecto Material: A Profecia previa a prosperidade de Israel (Deu. 28), e era na medida em que os daquela Nação obedeciam a esse Programa que a sua prosperidade se fazia. O princípio da Lei era: *“o homem que fizer estas coisas por*

elas viverá” (Gál. 3:12). No entanto, e relativamente à Igreja “Corpo de Cristo”, este aspecto não faz parte do Programa de Deus para ela, pois não há para a Igreja qualquer promessa de prosperidade; pelo contrário: quanto mais piamente se viver, maiores serão as probabilidades de padecer tribulações (2 Tim. 3:12). E relativamente a isso, o Apóstolo Paulo deixou-nos o exemplo: *“Já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto em ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade. Posso todas as coisas Naquele que me fortalece.”* (Fil. 4:11-13; ver: 1 Tim. 6:6-9).

Aspecto Natural: O aspecto Natural, que inclui a saúde física de todos os que participarão no Reino (Isa. 40:28-31; 33:23-24), pressupunha a existência do dom das curas a acompanhar a Mensagem Messiânica. *“Ninguém dirá: enfermo estou”,* pois todos estarão perfeitos no Reino, inclusivamente *“não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque o menino morrerá de cem anos; porém o pecador de cem anos será amaldiçoado.”* (Isa. 65:20). E o Senhor disse que as *“portas do inferno (a morte) não prevalecerão contra” a Igreja Messiânica* (Mat. 16:18). Mas, relativamente à Igreja da presente Dispensação da Graça, as coisas são diferentes. O dom de curas foi retirado, e aquilo que era em parte desapareceu com a revelação *“daquilo que é perfeito”* (Assim o grego em 1 Cor. 13:11). Por essa razão, Paulo tinha *“um espinho na carne”* (2 Cor. 12:7), Timóteo tinha enfermidades no estômago (1 Tim.

5:23), Trófimo estava doente em Mileto (2 Tim. 4:20), Epafrodito chegou a estar à morte (Fil. 2:27,30), entre outros casos encontrados nas Epístolas de Paulo, e independentemente deles serem homens de uma fé inabalável. Tudo isto se deve ao facto de, no Programa do Mistério, não estar incluída qualquer promessa de saúde física, curas miraculosas, ou algo do género, pois o plano de Deus pode ser mesmo usar uma enfermidade, ou um problema físico, para ser glorificado na vida de um crente. E mais: o plano espiritual de Deus para o crente em nada depende da sua situação física; pelo menos, a situação física em nada deverá afectar o Seu propósito espiritual em nós.

O Aspecto Humano: Este aspecto, no Reino Messiânico, tem a ver com as promessas de Deus a Abraão, que já haviam sido feitas a Adão e a Noé: a multiplicação da raça humana, e em particular da descendência do patriarca Abraão. Assim seria a sua descendência: *“como a areia do mar”* (Gén. 2:17; Deu. 28:4). No quadro Profético aquela família que não tivesse filhos era considerada como estando privada da bênção de Deus, tornando-se mesmo agonizante para muitas mulheres (Gén. 25:20,21,26; 30:1; 1 Sam. 1:1-8). Na Igreja “Corpo de Cristo” este aspecto humano não é relevante. Diz Paulo que, para os solteiros não tem mandamento do Senhor, mas recomendações do Espírito Santo (1 Cor. 7:25,40), deixando ao critério dos seus dons naturais (verso 7) e à sua devoção a Deus (versos 32-35). Mas, quanto aos casados, e porque assumem um compromisso sério diante de Deus, para esses há um mandamento específico e princípios rigorosos a cumprir (verso 10).

No Reino, o plano de Deus passava pela família; na Graça, ou seja, dentro da Igreja desta Dispensação da Graça, a família não é um elemento essencial do plano de Deus: *“não há masculino nem feminino”* (Gál. 3:28).

O Aspecto Político: O tema da Profecia são os últimos dias, quando O Senhor vier para libertar Israel da opressão política das Nações (Dan. 2, 4). A vinda do Senhor para reinar porá fim ao *“tempo dos Gentios”* (Luc. 21:24), para dar lugar aos tempos de Israel (Rom. 11:12,15). Todas as nações andarão à sua luz, sendo ela a sua cabeça. Por esse facto é que o Messias prometido era esperado como Aquele que libertaria Israel de todos os seus inimigos. E assim virá, quando vier para estabelecer o Trono da Sua glória (Mat. 25:31), assentado num cavalo branco, julgando e pelejando com justiça (Apo. 19:1-21). Naquele dia *“os reinos do mundo serão do nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre”* (Apo. 11:15). No quadro dispensacional da Igreja do Mistério o aspecto político não está em vigor. Estamos no período do **tempo dos gentios**, ou seja, um período em que os gentios é que têm a preeminência no mundo, cabendo à Igreja uma atitude de total sujeição e submissão às suas autoridades (Rom. 13:1-7). A nossa cidade está nos céus (Fil. 3:20-21; Efe. 2:18-19), e no mundo não passamos de *“peregrinos e forasteiros”* (1 Ped. 2:11-17).

O Aspecto Cerimonial: No Reino, o Templo de Jerusalém estará em pleno funcionamento. Ezequiel dá-nos a revelação desses dias e fala da glória desse templo, onde se efectuarão sacrifícios e a

lei cerimonial será rigorosamente cumprida (40-48). Certamente que todo aquele cerimonial, nomeadamente turmas de sacerdotes, corais levíticos, e outras formalidades praticadas no tempo de Davi, serão reatadas no Reino Milenial, pois a sua instituição tinha um carácter eterno. Mas, na Igreja actual, o aspecto formal não está instituído. Por exemplo: se no Reino o culto a Deus devia ser com toda a sorte de instrumentos, ou com os instrumentos de Davi (Sal. 150; 2 Cro. 29:25-26) e com toda a sorte de manifestações corporais (Sal. 150; 2 Sam. 6:16), **na Igreja o nosso culto a Deus é em espírito e em verdade** (Joa. 4:23-24) e deve ser feito no coração (Efé. 5:18-20; Col. 3:16-17). Não quer dizer que estamos privados de usar algum instrumento, pois não há qualquer mandamento restritivo; mas os instrumentos não fazem parte do louvor a Deus. E não só o culto. A própria conduta espiritual do crente não está sujeita a qualquer formalidade cerimonial, nomeadamente comidas e bebidas (Rom. 14:17), a guardar dias (Col. 2:16-23), a usar uma forma determinada de vestir, de semear, entre outras coisas que faziam parte do Ministério da Lei. Não quer dizer que a nossa vida espiritual não se manifeste numa forma visível nas áreas de vestir, comer, trabalhar, etc., mas a sua manifestação é de outra natureza: é moral e espiritual. Agora não temos qualquer restrição ao tipo de alimentos a usar (1 Cor. 10:25), desde que usado com acção de graças (1 Tim. 4:3-5).

O Aspecto Social: De alguma forma já nos referimos a este aspecto, quando abordamos o aspecto cerimonial, e focamos o carácter que deveria ter o comer, o vestir, o semear, entre outras

coisas que poderiam ser exaustivamente abordadas e que estão revelados no Pentateuco, nomeadamente Deuterónimo 22. Ora, estes aspectos para a Igreja têm mais a ver com a intenção com que se faz, isto é, se se come com moderação, temos uma atitude espiritual, mas se se come com descontrolo, temos glotonaria, e isso é pecado (Gál. 5:19-21). Este exemplo pode ser aplicado a outras áreas da nossa vida, que deixamos ao critério e ponderação dos leitores.

O Sentido das “Bênçãos Espirituais”

“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo.” (Efé. 1:3)

Aquilo que temos sido levados a ouvir de muitos crentes, lava-nos a crer que este versículo tem sido mal aplicado na vida deles, fruto de uma má compreensão do próprio texto, do seu contexto, e de uma forma geral, de todo o Propósito de Deus para a Igreja.

As bênçãos espirituais são mesmo espirituais. Elas estão enumeradas nos versículos que se lhes seguem, e são, nomeadamente a eleição, a adopção de filhos, a redenção, a remissão das ofensas, o propósito da Sua Vontade, a Sua herança, a selagem do Espírito Santo, a nossa vocação, etc.. Por esta causa é que o Apóstolo Paulo orava pelos crentes, para melhor conhecerem a sua vocação, as riquezas espirituais que nos estão reservadas, e o Poder que em nós opera, e que já operou em Cristo (Efé. 1:3-23).

Nestas bênçãos espirituais não estão incluídos quaisquer bens materiais, como

sejam as casas, o dinheiro que temos, um curso que tiramos, um carro que compramos, a mulher ou marido que temos, a saúde que gozamos, etc. Isso não são bênçãos espirituais, nem fazem parte do Plano de Deus para a sua Igreja. Isso poderão ser chamados de bens materiais que O Senhor nos concedeu para nos ajudar a levar a cabo a sua obra. São bens que nos foram entregues para a sua administração e para serem usados ao serviço da obra de Deus. Mas, a Obra de Deus não são essas coisas. E aqui incluímos, ainda, os templos de cultos, os infantários que as igrejas locais possam ter, os lares de idosos, as associações de caridade e de carácter social, as associações ou organizações evangélicas ou eclesiásticas, entre outras coisas. Tudo isso é bom, tem o seu interesse, mas não é "Obra de Deus". "Obra de Deus", no seu sentido restrito, é a sua Igreja, são os crentes, e aquilo que Deus está a fazer espiritualmente neles. Isso é que é a obra de Deus. E a Obra de Deus é enriquecida com o gozo das suas bênçãos.

"Não destruas por causa da comida a obra de Deus. É verdade que tudo é limpo, mas mal vai para o homem que come com escândalo." (Rom. 14:20)

Diferente, também, é a nossa obra no Senhor (1 Cor. 9:1), ou seja, aquilo que fazemos para O Senhor. Essa obra, se for feita na dependência do Senhor, não é em vão (1 Cor. 15:58). Contudo, por essa obra todos seremos julgados (1 Cor. 3:13-16). Esta obra também é espiritual e refere-se àquilo que fazemos em prol do crescimento da Igreja, no sentido de ser uma obra aferida ou não pela Revelação de Deus para a Igreja, cujo fundamento foi colocado pelo Apóstolo Paulo. No entanto, neste aspecto já podemos

incluir aqui o uso que fazemos das coisas materiais. Mas, estas, em si, não são "Obra de Deus", mas bens que devem estar ao dispor do Senhor e da sua Igreja para ajudar os santos a desempenhar as funções que levam a concluir a "Obra de Deus", que são os crentes.

Com este capítulo do nosso estudo, esperamos que os horizontes dos santos sejam alargados, e se assista a uma maior devoção das suas vidas ao Senhor, valorizando mais aquilo que conta para Ele, e preparando-os para qualquer situação menos boa que estejam, ou venham a atravessar, do ponto de vista material ou humano, e se conformem com o plano que Deus tem para as suas vidas, dando-lhe toda a glória, e discernindo O que Ele quer delas, com essas situações eventuais.

Que a Graça do Senhor abunde em todos nós.

"Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. Mas não é primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual." (1 Cor. 15:44, 46).

(Continua, querendo Deus)

Colaboradores:

JAA, DF, ASC, VPP e outros.
Correspondência a enviar para:

Igreja em Oleiros

Rua do Fial, nr. 101

4539 OLEIROS

O Nosso Net-Endereço:

www.eclesiastes.pt

E-mail: eclesiastes@eclesiastes.pt